

**QUEM ESTÁ DESINVENTANDO A CIDADE DE CASTRO ALVES/BA?  
A DESTRUIÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL E SUAS  
INFLUÊNCIAS SOBRE A MEMÓRIA, IDENTIDADE E CIDADANIA**

**Prof. Me. Hanilton Ribeiro de Souza<sup>1</sup>**  
SEC-BA / UNEB DCH Campus V  
[hirsouza@uneb.br](mailto:hirsouza@uneb.br)

**Prof. Me. Aldo de Oliveira Andrade Júnior<sup>2</sup>**  
SEC/BA: Col. Est. Polivalente C. Alves  
[aldojrnr@yahoo.com.br](mailto:aldojrnr@yahoo.com.br)

---

<sup>1</sup> Licenciado em Geografia, Especialista em Desenvolvimento Regional Sustentável, Mestre em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional (UNEB). Membro do Grupo de Pesquisa A Cidade e o Urbano (UNEB Campus V). Professor Assistente do Colegiado de Geografia – UNEB DCH Campus V – Santo Antonio de Jesus/BA. Professor de Geografia do Ensino Médio do Colégio Estadual Polivalente de Castro Alves/BA.

<sup>2</sup> Licenciado em História, Especialista em Avaliação e Psicopedagogia, Mestre em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional (UNEB). Professor de História do Ensino Médio do Colégio Estadual Polivalente de Castro Alves/BA.

# QUEM ESTÁ DESINVENTANDO A CIDADE DE CASTRO ALVES/BA? A DESTRUIÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL E SUAS INFLUÊNCIAS SOBRE A MEMÓRIA, IDENTIDADE E CIDADANIA

## RESUMO

Estudar nossa cidade vai muito além de conhecê-la melhor, é uma oportunidade ímpar de refletirmos sobre nós mesmos, sobre nossos valores, referenciais e atitudes neste espaço que reconstruímos conjuntamente e continuamente. Todo esse processo vem instrumentalizar a nossa cidadania, ou seja, a tomada de decisões para a gestão do lugar. Nessa perspectiva, tal artigo vem discutir a importância da preservação do patrimônio histórico, cultural e artístico, bem como a influência desse processo de preservação para a memória coletiva e individual dos cidadãos. Sabemos que a memória e a identidade mantêm uma relação mútua, pois nutrem-se e apóiam-se, auxiliando assim na formação do indivíduo. Dessa forma, nesse trabalho, utilizando como base imagens antigas e atuais, trabalho de campo, coleta de dados, relatos e discussões realizadas pelos discentes do Ensino Médio durante a realização de um trabalho/pesquisa sobre a cidade de Castro Alves/BA, refletimos como a negação, a degradação e a destruição do patrimônio histórico, cultural e artístico da cidade tem influências na formação e/ou ampliação da identidade e cidadania dos cidadãos, sobretudo dos jovens escolares, que estão em processo de formação e ainda possuem uma identidade tênue com o lugar. Notamos que a decadência econômica de Castro Alves, aliada ao descaso do poder público local e à acomodação da população castroalvens, têm contribuído severamente para apagar a memória e a história do lugar, através da degradação e destruição do patrimônio histórico, cultural e artístico. Tal processo foi denominado pelos discentes participantes da pesquisa como *desinvenção* da cidade, devido à quantidade de prédios históricos, símbolos urbanos, espaços sociais, atividades artísticas e culturais que desapareceram ao longo das últimas décadas. Sendo assim, o referido artigo apresenta e discute o processo de *desinvenção* da cidade de Castro Alves, refletindo também sobre as influências deste processo para a identidade e a cidadania local. Além disso ainda destaca a importância da preservação e recuperação do patrimônio histórico, cultural e artístico do lugar.

**Palavras-chave:** Cidade. Patrimônio. Memória. Identidade. Cidadania.

## INTRODUÇÃO

Em Maurília, o viajante é convidado a visitar a cidade ao mesmo tempo em que observa uns velhos cartões-postais ilustrados que mostram como esta havia sido: a praça idêntica, mas com uma galinha no lugar da estação de ônibus, o coreto no lugar do viaduto, duas moças com sombrinhas brancas no lugar da fábrica de explosivos. Para não decepcionar os habitantes, é necessário que o viajante louve a cidade dos cartões-postais e prefira-a a atual, tomando cuidado, porém, em conter seu pesar em relação às mudanças nos limites de regras bem precisas. [...] Evitem dizer que algumas vezes cidades diferentes sucedem-se no mesmo solo e com o mesmo nome, nascem

e morrem sem se conhecer, incomunicáveis entre si. Às vezes, os nomes dos habitantes permanecem iguais, e o sotaque das vozes, e até mesmo os traços dos rostos; mas os deuses que vivem com os nomes e nos solos foram embora sem avisar e em seus lugares acomodaram-se deuses estranhos. É inútil querer saber se estes são melhores do que os antigos, dado que não existe nenhuma relação entre eles, da mesma forma que os velhos cartões-postais não representam a Maurília do passado, mas uma outra cidade que por acaso também se chamava Maurília (CALVINO, 1990, p. 30-31).

O texto de Calvino, contido no livro *As cidades invisíveis*, nos faz refletir sobre as transformações que ocorrem no espaço urbano ao longo do tempo, bem como tais modificações alteram as formas e funções urbanas (SANTOS, 1990), mudando também as relações dos cidadãos com a cidade, especialmente quanto à apreensão e a identificação com o lugar.

É sabido que o espaço geográfico é resultado do processo produtivo e dinâmico da sociedade, ou seja, é um produto social, econômico, político, cultural e historicamente (re)construído, onde estão envolvidos vários atores: sociedade, estado, capital, mercado, dentre outros. Sendo assim, é inconcebível uma cidade que não se transforme ao longo dos anos, pois permanecendo imutável certamente perderia sua função e desapareceria. Porém, é preciso destacar que as transformações urbanas devem seguir um planejamento, além de preocupar-se com a preservação do patrimônio histórico-cultural, a fim de preservar a memória e a identidade do/com o lugar. Segundo Jodelet (2002, p. 38) “a ligação entre memória e a cidade passa sempre pela identidade”.

Como destaca Calvino (1990), sem a devida preservação da memória dos lugares, no mesmo solo podem se suceder, pela força do capital, da especulação imobiliária e do descaso da sociedade e do poder público, outras cidades com o mesmo nome, mas incomunicáveis entre si e sem identidade.

Nesse sentido, a citação de Calvino também nos remete ao projeto de iniciação à pesquisa no ensino básico, intitulado: *Imagens do Lugar, Quadros da Memória*, realizado pelas disciplinas de Geografia, História, Sociologia, Filosofia e Redação, com os discentes da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Estadual Polivalente de Castro Alves, em 2013, e coordenado pelos autores deste artigo.

Tal projeto objetivava, sobretudo, outros olhares sobre o município de Castro Alves (Figura 1), incentivando nos discentes uma visão crítica-reflexiva sobre o patrimônio histórico, cultural e artístico existente no lugar, bem como as suas

influências para a memória, identidade e cidadania local. Nessa direção, era preciso analisar e discutir se a cidade mostrada em fotografias/imagens antigas ainda era a mesma existente no cotidiano; se a cidade ensinada nas aulas de Geografia e História condizia com a cidade vivida; se a preservação ou a degradação e/ou desaparecimento de determinadas formas e símbolos urbanos afetavam a identidade do/com o lugar; se o poder econômico, o descaso do poder público no planejamento e gestão do lugar e a acomodação da sociedade estão contribuindo para apagar a memória da cidade e dos cidadãos, *desinventando* assim tal espaço.



Figura 1: Mapa do Recôncavo Sul da Bahia – Município de Castro Alves/BA.  
Fonte: SEI, 2007. Elaborado por Uelington Peixoto, 2013.

Com a finalidade de melhor expor a relevância dos estudos relacionados a tal espaço, faremos uma breve contextualização da realidade local, demonstrando alguns fatores que indicam a necessidade de aprofundar as pesquisas e os trabalhos sobre o espaço vivido nas escolas locais, subsidiando assim a formação de cidadãos mais comprometidos com a gestão do lugar.

Ao analisarmos os dados do IBGE (2010) sobre a evolução populacional do município: 1991: 26.773; 2000: 25.561; 2010: 25.408, notamos que há problemas em relação ao desenvolvimento local, tendo em vista o decréscimo populacional ocasionado pela migração. A migração é causada por problemas econômicos, à medida que a

economia local, apoiada na agropecuária, na indústria fumageira e no entreposto comercial ferroviário, entrou em crise no final do século XX. A partir da década de 1960, o setor ferroviário brasileiro perdeu investimentos para as rodovias; a indústria fumageira no Recôncavo entrou em crise a partir de 1970. Tais fatos repercutiram na economia castroalvense, culminando na sua estagnação na década de 1990, com o fechamento total dos armazéns de beneficiamento de fumo, bem como com a substituição da lavoura fumageira pela pecuária extensiva, desempregando centenas de pessoas na zona urbana e rural, ocasionando migrações, além de afetar os diversos setores da sociedade, e se refletindo também sobre o patrimônio histórico, cultural e artístico do lugar.

No que se refere à metodologia do projeto, destacamos que foram feitos trabalhos de campo, coleta e comparação de imagens/fotografias atuais e antigas, entrevistas (história oral) com moradores antigos, discussões em sala de aula, finalizando com a produção de álbuns de imagens sobre o lugar. É preciso destacar que tais álbuns participaram do projeto EPA (Educação Patrimonial e Artística), da SEC/BA, em 2013.

Nesta perspectiva, o referido artigo, além de expor os resultados do projeto desenvolvido, vem também destacar a importância da pesquisa no ensino básico para produção do conhecimento científico, sobretudo em relação ao espaço vivido, pois como afirma Kaercher: “conhecer nossa cidade pode ser um belo pretexto para conhecermos a nós mesmos, e vice-versa. Conhecer a nós mesmos pode ser uma maneira de melhor conhecer e cuidar de nossa cidade” (2011, p. 122).

## **CIDADE, MEMÓRIA E IDENTIDADE**

O que é a cidade? O que guarda e o que nos revela a cidade? Qual a sua importância para a nossa identidade e cidadania? Tais indagações carregam múltiplas respostas, pois as cidades são espaços complexos, dinâmicos, contraditórios, cheios de signos, símbolos, referências e informações, que precisam ser desvelados e apreendidos pelos seus habitantes. Tuan (1983, p. 191), destaca que “a cidade é um lugar, um centro de significados, por excelência. Possui muitos símbolos bem visíveis. Mais ainda, a própria cidade é um símbolo”. Segundo Rolnik (2004, p.18): “é como se a cidade fosse um imenso alfabeto, com o qual se montam e desmontam palavras e frases”.

Porém, Lefebvre (2001, p. 61) nos indica que precisamos de outros olhares sobre tal escrita/alfabeto, à medida que “sim, lê-se a cidade, pois ela se escreve, porque ela foi escrita. Entretanto, não basta examinar esse texto sem recorrer ao contexto”. Na verdade, apenas a leitura simples e superficial da cidade não basta, pois necessitamos de um olhar e reflexão mais apurados. É preciso experimentar e viver plenamente a cidade, a fim de descobrir como tal espaço está impregnado em nós e vice-versa, pois na montagem e reconstrução contínua deste “alfabeto”, imprimimos nossas características como também recebemos suas influências para a composição de nossa personalidade.

Nessa perspectiva, uma das melhores maneiras de conhecer a memória social e a identidade histórica e cultural de uma cidade é caminhar com olhos atentos por suas praças, ruas, becos e vielas. Observar as paredes das casas e sobrados, comparar edificações que revelam tempos distintos, calçamentos e estilos arquitetônicos de diferentes estilos e épocas, representantes de variados arranjos socioculturais urbanos. Sendo assim, Carlos (1996, p. 30) destaca que “o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da história em constituição enquanto movimento de vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos”.

Pesquisas recentes revelam que a cidade além de ser palco, é também agente de transformações históricas. Nesse sentido, a relação entre o tempo e o espaço torna-se cada vez mais evidente, constituindo-se em objeto de estudo e matéria prima de projetos de pesquisa e ensino de Geografia e História. Segundo Jodelet (2002, p. 39) “a cidade carrega sempre vestígios do passado, cuja importância vai justamente residir nos significados que eles transmitem e que vêm a garantir a estabilidade do tempo”.

Ainda nessa direção, Carlos (1996, p.82) também ressalta que “a memória articula espaço e tempo, ela se constrói a partir de uma experiência vivida num determinado lugar. Produz-se pela identidade em relação ao lugar, assim lugar e identidade são indissociáveis”.

A partir de tal percepção realizou-se um estudo/pesquisa interdisciplinar da invenção, *desinvenção* e reinvenção da cidade de Castro Alves, com estudantes do Ensino Médio. Tal estudo teve como objetivo compartilhar com os estudantes a percepção de que “o espaço é sempre portador de significado, tornando-se assim um dos suportes da memória social da cidade” (PESAVENTO, 1999, p 16). Acontece que ao caminhar (trabalho de campo) pela cidade de Castro Alves, professores e estudantes

também perceberam que, possivelmente, devido ao descaso de sucessivas gestões, e também pela acomodação da sociedade local, espaços públicos: praças, ruas, monumentos, além de prédios antigos, que oferecem significado ao espaço e compõem a memória social da cidade, passavam por um processo de *desinvenção*.

A partir do momento em que os estudantes começaram a perceber que o espaço urbanizado é construído, destruído e reconstruído ao longo do tempo pela ação do homem, sendo histórico e culturalmente produzido (SANTOS, 1990), os estudantes, orientados pelos professores de Geografia, História, Filosofia, Sociologia e Redação elaboraram álbuns com fotografias antigas de diferentes espaços públicos urbanos, comparadas com fotografias atuais dos mesmos espaços, que aos poucos revelavam a *desinvenção* da cidade de Castro Alves.

Por fim, tal constatação propiciou, além da execução dos estudos interdisciplinares sobre a cidade, também analisar como tal processo de *desinvenção* afetava a identidade e cidadania dos castroalvenses, especialmente dos estudantes, pois sabemos que a memória do lugar está indissociavelmente ligada à identidade, e esta se reflete nas práticas de cidadania em relação à gestão do espaço, pois, segundo Santos (1987, p. 63) “as cidades têm um grande papel na criação dos fermentos que conduzem a ampliar o grau de consciência. Por isso são espaços de revelação”. Nessa perspectiva, consideramos que para a apreensão e gestão do espaço vivido, a memória, a identidade e a cidadania são indissociáveis e necessárias. Jodelet destaca:

A questão da memória se torna pertinente, uma vez que esta, unindo de forma dialética o passado, o presente e o futuro, pode servir para estabelecer formas de vida sem ruptura brutal, respeitando um presente que encontra sua fundamentação no passado. Esse objetivo vale, especialmente, para o estudo do modo como os indivíduos e os grupos se situam dentro de seus espaços de vida e como se ligam a eles – aqui, na cidade (JODELET, 2002, p. 31)

## **QUEM ESTÁ DESINVENTANDO A CIDADE DE CASTRO ALVES?**

Há alguns anos fui ver a casa em Avalon. Não estava mais lá. Não só a casa, mas toda a vizinhança. Fui ver o salão onde eu e meus irmãos costumávamos tocar, também não existia mais. Não só ele, mas o mercado onde fazíamos nossas compras também. Tudo desapareceu. Fui ver o lugar onde Eva morava. Não existia mais. Nem a rua existe mais, nem mesmo a rua. Então, fui ver o clube noturno do qual fui dono e, graças a Deus, estava lá. Por um minuto achei que eu nunca tivesse existido [descrição da cena final do filme Avalon, escrito e dirigido por Barry Levinson, em 1992] (CARLOS, p. 1996, p. 62).

A sensação da personagem do filme Avalon, descrita por Carlos (1996), nos remete ao sentimento que muitos castroalvenses vêm sentindo nos últimos anos, pois parece que nossa existência, em Castro Alves, vem sendo apagada, devido ao abandono e destruição do patrimônio histórico, cultural e artístico do lugar. Nessa direção, Tuan enfatiza:

Os pertences de uma pessoa são uma extensão de sua personalidade, ser privado deles é diminuir seu valor como ser humano, na sua própria estimativa [...] A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar. A destruição do patrimônio histórico é a negação do passado, da história e, conseqüentemente a perda da identidade com o lugar (TUAN, 1980, p. 114)

Sendo assim, ao analisarmos a cidade e o urbano, a partir do referido projeto, também realizamos uma reflexão sobre quem somos e como agimos na (re)construção do espaço, especialmente em relação à cidade de Castro Alves, oportunizando que os adolescentes do ensino médio, oriundos tanto da zona urbana quanto da zona rural, lançassem outros olhares sobre a cidade, especialmente sobre as formas, símbolos e objetos que representavam a memória do lugar.

Destacamos que o projeto tornou-se um importante passo para a apreensão de que a cidade é muito mais que um palco para a realização das ações humanas, ela também é formadora e constituinte dos indivíduos, especialmente quanto à identidade e cidadania.

Para dar seguimento na análise sobre o patrimônio histórico, cultural e artístico da cidade de Castro Alves, como procedimentos metodológicos recorreremos ao uso de algumas técnicas, tais como: pesquisas documentais; trabalho de campo; coleta e comparação de imagens atuais e antigas do lugar; entrevistas com moradores; discussões teóricas; apresentação e discussão dos resultados em sala de aula, confecção de álbuns de imagens/fotografias do lugar, a partir de um tema geral: Imagens do Lugar, Quadros da Memória.

Do tema geral surgiram várias temáticas para confecção dos álbuns, os quais destacaram vários aspectos culturais e artísticos da realidade urbana e rural do município de Castro Alves. Tais álbuns foram avaliados por uma comissão julgadora, sendo escolhido o álbum da 3ª série A, do turno Matutino, para representar a escola na etapa regional (DIREC 04 – Santo Antonio de Jesus/BA), do projeto EPA (Educação



Patrimonial e Artística), em 2013. O título do álbum era *Quem está desinventando a cidade de Castro Alves?* E trazia, além de imagens atuais e antigas, discussões e relatos quanto ao processo de destruição do patrimônio histórico-cultural e artístico do lugar, e seus reflexos sobre a identidade do castroalvense. O referido álbum foi o vencedor da etapa regional do projeto EPA.

Ressaltamos que o trabalho de campo, e, especialmente, o uso de imagens (iconografia), tornou possível a realização de um trabalho renovador, que ao comparar imagens do passado e do presente, utilizando fotografias como suportes artificiais da memória social, revelaram o descaso com patrimônios culturais, históricos e artísticos em diferentes tempos e espaços da vida da cidade, fazendo com que os alunos refletissem sobre a importância de tais formas e objetos para sua identidade e cidadania do/com o lugar.

O que vimos com esse projeto é que muito já foi perdido e estamos correndo risco de perder ainda mais, pois boa parte do patrimônio histórico, cultural e artístico de Castro Alves está abandonado, depredado e degradado. E não acaba por ai não, pois ainda tem alguns prédios históricos importantes à venda. Isso prejudica a todos, inclusive a nós, os jovens, pois perdemos a oportunidade de conhecer a história e a cultura local, e isso prejudica também a formação da identidade dos castroalvenses com local (ALUNOS, 3ªA Matutino, 2013).

Vale salientar que apresentaremos e discutiremos a seguir algumas imagens e comentários dos alunos constantes no álbum intitulado: *Quem está desinventando a cidade de Castro Alves?* Preservaremos e destacaremos os títulos e comentários que os alunos dispuseram no referido álbum e nos debates em sala de aula. É preciso destacar também que o projeto de iniciação à pesquisa no Ensino Básico incentivou novos olhares dos discentes sobre a cidade, subsidiando também nossas análises e pesquisas sobre o lugar, especialmente quanto às ligações entre cidade/urbano, memória, identidade e cidadania.

Discutimos aqui em sala de aula e também vimos no trabalho de campo que Castro Alves foi uma cidade rica e próspera no passado, por causa da indústria fumageira, e que já teve mais opções de lazer e cultura, hoje perdemos tudo isso. Por isso é que nesse trabalho decidimos mostrar o patrimônio esquecido, abandonado, depredado, degradado, ou seja, a desinvenção da nossa cidade, ao invés dos patrimônios que estão um pouco mais conservados. Como já dissemos, nossa cidade é muito bonita e acolhedora, mas algumas páginas de sua história precisam ser reescritas e conservadas para que

não sejam apagadas de nossa memória para sempre (ALUNOS, 3ª A Matutino, 2013).

### **Até espaços educacionais foram *desinventados*...**



Figura 2: Colégio São José, 1968 e 2013.  
Fonte: Acervo dos Autores, 2014.

Do Colégio São José só restou ruínas, e este lugar ganhou outras funções que não respeitam a importância que ele teve no passado, entristecendo a todos nós. Não entendemos como é que uma cidade que carrega o nome de um dos grandes poetas do Brasil permite que uma escola seja desativada, destruída, desinventada (ALUNOS, 3ª série A, 2013).

### **Perdemos o trem do futuro...**



Figura 3: Estação Ferroviária de Castro Alves, 1990 e 2013.  
Fonte: Acervo dos autores, 2014.

De grande importância para a economia e sociedade, principalmente para o transporte de fumo, principal fonte econômica da cidade. Após a privatização e abandono, em 1996, foi depredada pela população local em 1998. Hoje são ruínas que lembram um passado importante. Não embarca e nem desembarca mais mercadorias e pessoas, apenas vê o trem passar e levar para longe o futuro de nossa terra (ALUNOS, 3ª A Matutino, 2013).

### **Também costumamos enterrar as belezas do lugar...**



Figura 4: Praça da Liberdade, 1968 e 2013.  
Fonte: Acervo dos autores, 2014.

É incrível a nossa capacidade de *desinventar* a cidade, pois além de destruir o patrimônio local também estamos enterrando os símbolos e belezas, contribuindo assim para enterrar também a nossa cultura, memória e identidade com a cidade. A Fonte Luminosa que havia na Praça da Liberdade foi aterrada. A Fonte formava, junto com a Estátua do Poeta, um dos locais mais belos de nossa cidade, mas foi aterrada, diminuindo assim a beleza desta praça (ALUNOS, 3ª A Matutino, 2013).

### **Espaços sociais e de lazer são abandonados e degradados...**

Nossos patrimônios e locais de lazer, esporte e diversão estão sendo esquecidos, degradados e abandonados. E isso prejudica a nossa cultura, a nossa memória e identidade com o lugar. Lyra Tênis Clube foi desativado em 2002, e em 2011 teve seu leilão impedido por alguns castroalvenses que lutaram para salvar o clube. Hoje, tentam recuperar seu espaço para ser devolvido à sociedade, mas está difícil, pois não há apoio. A Filarmônica Lyra Popular funciona nesse lugar, e faz um projeto social muito importante (Escola de Música – Sopro do Recôncavo) com centenas de crianças e adolescentes, apoiado pelo Projeto Criança Esperança. Vamos Salvar o Lyra, pois esse espaço é de todos os castroalvenses (ALUNOS, 3ª A Matutino, 2013).



Figura 5: Lyra Tênis Clube, 1978 e 2013.  
 Fonte: Acervo dos autores, 2014.

### **Apagando nossa cultura...**

Tínhamos duas filarmônicas, perdemos uma, e a outra (Lira Popular) passa por dificuldades. Na cidade da música desinventamos os sons e calamos uma importante filarmônica, que fazia um trabalho social e cultural, diminuindo assim as atividades artísticas do município (ALUNOS, 3ª A Matutino, 2013).



Figura 6: Filarmônica Bomfim e Prédio Escolar Cecília Nunes, 1978 e 2013.  
 Fonte: Acervo dos autores, 2014.

### **Até a alegria foi *desinventada*...**

Brincar ficou mais difícil em nossa cidade. Ser feliz e livre, pelo menos por alguns dias, ficou complicado! Perdemos as micaretas que eram a tradição de nossa cidade desde o século passado, acabando com a cultura, a alegria e a diversão que elas traziam. E isso torna a cidade mais triste e nossa cultura e arte mais pobres. Conseguimos até desinventar a alegria (ALUNOS, 3ª A Matutino, 2013).



Figura 7: Rua Quintino Bocaiúva, 1997 (Bloco das Caretas) e 2013.  
Fonte: Acervo dos autores, 2014.

### E o processo de *desinvenção* de nossa cidade não para...



Figura 8: Fábrica de Charutos Lordello e Palacete de Dr. Rafael Jambeiro, 2013.  
Fonte: Acervo dos autores, 2014.

A Fábrica de Charutos Lordello, que funcionou também como Grêmio Lútero-Recreativo de Castro Alves, bem como o Palacete de Dr. Rafael Jambeiro, importante médico local e da região, pois foi prefeito e deputado estadual. Essas casas guardam memórias importantes de nossa cidade e do nosso povo, além de possuir uma bela arquitetura, mas estão à venda. Será que os compradores se importarão em preservar esses patrimônios? Cadê a sociedade e o poder público para impedir que nossos patrimônios continuem desaparecendo? Já discutimos aqui na aula que a força do capital é muito grande, e essas casas estão no centro da cidade, local muito valorizado (ALUNOS, 3ª A Matutino, 2013).

Nas figuras 2 a 8 observamos que os discentes, utilizando-se de imagens antigas do lugar, fotografaram os mesmos espaços da cidade, a partir de ângulos parecidos, a fim de expor e refletir sobre as transformações ocorridas no espaço urbano, constatando que

houve perdas irreparáveis no patrimônio histórico, artístico e cultural da cidade de Castro Alves. Processo este que os discentes intitularam como *desinvenção*, e que produz, como discute Carlos (1996), dentro de nós, um deserto:

Chamamos aqui “ausência de memória” o processo que diz respeito ao sentido da não-identificação em relação ao lugar (mas que guarda latente o seu oposto) como consequência do processo de reprodução espacial que tende a eliminar/destruir o que existe e que causa o estranhamento do ser humano, produzindo dentro do homem um deserto [...]. Todavia a memória tem outro sentido: ela é também a possibilidade do resgate do lugar, revelando-o e dando uma outra dimensão para o tempo (CARLOS, 1996, p. 64).

Tuan (1983) enfatiza que a destruição do lugar, que é nosso centro do mundo, é a ruína do cosmos de seus habitantes, à medida que o lugar tem importância estratégica para a formação do indivíduo, porém, quando o lugar entra em decadência ou destruição, temos duas opções: tentar reconstruí-lo ou eleger um novo lugar como nosso centro do mundo. Isso nos remete aos dados do IBGE (2010) quanto à evolução da população castroalvense/migrações. Sendo assim, acreditamos que a educação tem importante papel para apreensão da realidade local e para a sua reconstrução.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Amorim Filho (1999) discute que para a melhoria da qualidade de vida das pessoas, bem como para manter a memória individual ou coletiva de uma comunidade, torna-se necessária a preservação e a valorização da identidade cultural, dos valores e símbolos do lugar. Nesse processo é imprescindível que as forças de topo-reabilitação (reconstrução do lugar) superem as forças topocídicas (destruição do lugar), contribuindo dessa forma para a preservação da memória que fundamentará a identidade do/com o lugar.

Nesse sentido, observa-se que a decadência econômica do município tem afetado a preservação do patrimônio histórico, cultural e artístico do lugar, gerando preocupações quanto à memória e identidade dos castroalvenses em relação ao seu espaço vivido. Com isso, há a necessidade de que o processo de *desinvenção* seja substituído pela reinvenção da cidade/urbano, com a participação efetiva dos cidadãos na gestão do lugar, na busca pelo desenvolvimento local e integrado.

Enfim, ao lançarmos outros olhares sobre a cidade, através de tal proposta, refletindo sobre os processos de produção e reprodução, invenção, *desinvenção* e

reinvenção da cidade e do urbano, oportunizou-se que o espaço urbano fosse percebido como portador de sentido e função, com suas manifestações artísticas, culturais, econômicas, políticas e sociais. A imagem da cidade passou a ser uma espécie de ponte entre a realidade retratada e outras realidades, e também outros assuntos, no passado ou no presente, fazendo se questionar a cidade que se tem e a que se quer. Por conseguinte, Calvino (1990, p. 36-37) destaca que “não faz sentido dividir as cidades nessas duas categorias: felizes e infelizes, mas em outras duas: aquelas que continuam ao longo dos anos e das mutações a dar forma aos desejos e aquelas em que os desejos conseguem cancelar a cidade ou são por esta cancelados”.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Topofilia, Topofobia e Topocídio em Minas Gerais. In: DEL RIO, Vicente. OLIVEIRA, Livia de. (Orgs.) **Percepção Ambiental: a experiência brasileira** – 2ª ed. – São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Tradução: Diogo Mainardi – 2ª ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- IBGE. **Evolução da População de Castro Alves/BA**. Censo Demográfico 2010. Disponível: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?lang=&codmun=290730&search=bahia|castro-alves|infograficos:-evolucao-populacional-e-piramide-etaria>. Acesso em: 26 Set. 2013.
- JODELET, Denise. A cidade e a memória. In: DEL RIO Vicente. DUARTE, Cristiane Rose. RHEINGANTZ, Paulo Afonso (Orgs.). **Projeto do Lugar** – colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa/PROARQ, 2002, p. 31-43.
- KAERCHER, Nestor André. Conheça-se e revele-se estudando a cidade – experiências geopedagógicas para pensar nossa ontologia. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor. André. (Org.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio: volume 2**. Porto Alegre: Penso, 2011. p. 121-144.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Imaginário da cidade - visões literárias do urbano**: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- ROLNIK, Raquel. **O que é a cidade?** São Paulo: Brasiliense, 2004.
- SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1990.
- \_\_\_\_\_. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Livraria Nobel S.A., 1987.
- TEIXEIRA, Aurino de Azevedo. **Informações Históricas sobre a Cidade de Castro Alves**. Salvador: Prefeitura Municipal de Castro Alves/BA, 1990.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.